



FABRICA DE LOUÇA EM MIRAGAYA.

## PORTUGAL XXV.

## PORTO.

## 7.º

Por vezes temos fallado da nobre e rica cidade do Porto [a segunda deste reino a todos os respeito] com a consideração que merece, e com a largueza que comportam os limites do nosso Jornal e a somma de noticias que havemos adquirido. Começámos pelo bosquejo do character geral de seus habitantes no 3.º artigo sobre o Minho, que inserimos a pag. 147 do vol. 2.º da Serie antecedente, tratámos especialmente do Douro a pag. 177 do vol. 3.º, e das particularidades concernentes á cidade a pag. 281 desse vol., 161 do 4.º, e 233 do 5.º — Na presente Serie 2.ª, por occasião de estampar-mos o conspecto da igreja de Cedofeita, discorreremos sobre a muita antiguidade dessa collegiada; agora colligiremos as encontradas opiniões de dois escriptores, ambos nacionaes e ecclesiasticos, ácerca da epocha da fundação da freguezia de S. Pedro de Miragaya: — e se pelo que toca ao edificio, representado na gravura com que este numero abre, nada podêmos dizer, quer da casa, quer do estabelecimento [que vem a ser a fabrica de louça de Miragaya] é porque, ou por negligencia e ommissão, ou por mal fundados receios, não nos foram ministradas as informações que sollicitámos de pessoa apta a fornecê-las. Sabemos só que desta manufactura está sahindo boa louça.

Miragaya é um bairro assaz povoado, ao sul da cidade, e fronteiro a Villa-Nova de Gaya, circumstancia de que tirou o nome; está em relação ao Porto, guardadas as devidas proporções, como o

districto d'Alcantara para com Lisboa: tem um largo, guarnecido de arvores, assim como de um papeito á beira do rio, e de boa casaria com vista para o Douro: as grandes cheias salvam aquella guarda e vão na parte opposta inundar o pavimento das logeas: por tempo ameno é este largo um passeio agradável. — Alem de outras, a principal industria do bairro consiste em muitas ferrarias.

Pelo que respeita á igreja parochial é edificio mui apoucado e mesquinho, erecto ou reparado, no local de outro mais velho, mas cuja remotissima antiguidade é contestavel, pela boa critica, como se verá do segundo excerpto, que poremos aqui. — O arcebispo D. Rodrigo da Cunha, exprime-se a este respeito, no Catal. dos bispos do Porto, 2.ª part. cap. 43.º, da maneira seguinte. —

— «O padre fr. Miguel dos Anjos, chronista da Ordem dos Eremitas de St.º Agostinho, em certos papeis que nos mandou, tocantes ás cousas deste bispado [em que nós o consultámos como pessoa tão douta nas antiguidades e como natural desta cidade] nos escreve que a cidade do Porto esteve [segundo tradição] primeiro na paragem em que está agora Miragaya, e dahi a mudaram os suevos para o monte da sé e paços do bispo; pelo que lhe parecia que a igreja de S. Pedro de Miragaya fôra edificada por S. Basileo, primeiro bispo do Porto, e dedicada a S. Pedro, que ainda então vivia, e viveu alguns annos depois, querendo-lhe S. Basileo, com esta honra pagar a saude que lhe déra á porta do templo em Jerusalem, como em sua vida deixámos referido de Juliano, arcipreste de Toledo; que o teve por aquelle côxo, que o santo apostolo sarou indo em companhia de S. João, á porta *especiosa* do templo: opinião que o padre fr. Luiz de todo abraça, e nós agora, com auctoridade de tal escriptor,

temos por mais provavel. E já póde ser que este foi o primeiro templo que o glorioso apóstolo S. Pedro teve dedicado a seu nome .....» —

O padre Agostinho Rebello da Costa impugnando o que acima fica transcripto, diz por este modo, a pag. 105 e segg. da Descriç. do Porto, cap. 3.º — «Porem devendo eu fallar com aquella circumspicção digna de uma materia tão grave, digo que não posso concordar com esta opinião, bem que abonada por tão doutos e respeitaveis escriptores: — *primó*; porque já mostrei no cap. 1.º que esta cidade fôra fundada pelos suevos, sem que até aquelle tempo houvesse nella povoação alguma mais que o pequeno logar de Gaya, que fica da parte meridional do Douro, e que fórma com Villa-Nova um grande bairro da cidade; e se até aquelle tempo não havia povoação alguma, como podiam haver bispos que a governassem? — *Secundó*; porque é incrível que em vida dos apóstolos houvesse quem consagrasse templos á sua memoria ..... *tertió*; em nenhum Concilio, ou geral ou provincial, nem ainda em escriptura ou documento algum authenticamente apparece nome de bispo que fosse desta cidade até o tempo do bispo Constancio: os nomes de Atisberto, Thimotheo, e Viator, que fazem unico bispo da igreja de Meinedo no districto deste bispado, são igualmente excluidos pelas rasões expostas, que se mostrariam mais energicamente e em toda a sua extensão se eu houvesse de tratar este ponto fundamentalmente. — Não deixarei comtudo de escrever um particular fundamento, que junto aos referidos me confirma na opinião de que foi Constancio o primeiro bispo do Porto. Sabe-se perfeitamente que fundando elrei Theodomiro a igreja de Cedofeita pelos annos de 559 fôra sagrada a mesma igreja no anno seguinte de 560 por Lucrecio, bispo de Braga. Ora se havia no Porto bispo que podesse celebrar este acto, para que foram buscar o bracharense?... Se estava então vago o de Porto, porque razão não consta esta vacatura dos authenticos e antiquissimos documentos, guardados no archivo da mesma Collegiada? Porque razão não consta da inscripção lapidar, que está sobre a porta principal, e que é um compendio de tudo o que alli se obrou? Porque razão não consta da copiosa attestaçã, que enviou ao St.º P.º João 22.º o bispo do Porto D. Fernando Ramires no anno de 1318, que refere com admiravel exacção toda a historia da sua origem? Mas como hade constar, se na mesma attestaçã se declara que a dita igreja fôra edificada primeiro que a cathedral? Sendo pois esta posterior áquella, como seria possível que tivesse bispo para a sagrar, naquelle anno de 560? — O que se sabe com certeza é que esta igreja de S. Pedro de Miragaya já estava edificada no anno de 1453, em que foi nella depositado o corpo de S. Pantaleão, martyr, padroeiro da cidade .....» —

A igreja de Miragaya goza a permissã pontificia de Lausperenne em todas as quintas feiras do anno; e possui uma imagem de Jesus Crucificado, tida de longos tempos em grande veneraçã dos fieis.

#### ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

#### VI.

*Viagem a Portugal dos cavalleiros Tron e Lippomani.*

(1580.)

QUANDO o anno passado offerecemos aos leitores do

Panorama varios extractos da viagem do cardeal Alexandrino (1) tendentes a fazer conhecer, melhor do que se conhecem, as nossas antigas cousas, promettemos ahi extrahir algumas passagens de outro livro inédito, que nos pareciam dar no alvo em que tinhamos posto mira. Este livro é uma narraçã da viagem dos dois embaixadores mandados pela republica de Veneza cumprimentar Philippe 2.º pela conquista de Portugal. A epocha da viagem é quasi a mesma da que já extractamos; mas o auctor anonymo desta toca outros pontos mui diversos dos que em grande parte haviam dado materia ás observações do antecedente escriptor. No presente manuscrito, a relaçã do caminho que os embaixadores fizeram pelas provincias nada contém que não se ache em obras portuguezas impressas. Na descripçã, porem, particular de Lisboa, apontam-se tantas particularidades sobre os usos, habitos e grãu de civilisaçã do paiz, e tantas noticias economicas ignoradas, por certo, dos leitores, que julgãmos conveniente lançar aqui a memoria dessas cousas, que porventura importam mais á historia do que commummente se cuida.

Na descripçã geral de Lisboa e particular das igrejas, paços reaes, hospital, &c. nada ha notavel nesta viagem, senão os muitos erros ácerca de quasi tudo o que é historico, em que o auctor só parece ter consultado pessoas menos instruidas em taes materias. Nessas descripções o bom do veneziano, auctor do livro, segue o estylo commum no seu tempo: as igrejas são grandes, accadas, ricas; os paços vastos, sumptuosos, nobres; e com isto se contenta. Não assim no que vamos extractar, começando pela noticia da *fonte dos cavallos d'arame*, já tão celebre no tempo de D. Fernando.

«Para o lado da porta que chamam da Cruz, ha outra fonte, ou antes lago, que denominam dos cavallos; porque da boca d'alguns cavallos de metal sae tanta agua, que fórma uma corrente a modo de ribeiro.»

«Posto que Lisboa seja tamanha e tão nobre povoação, não tem palacio algum de burguez, ou de fidalgo, que mereça consideraçã quanto á materia; e quanto á architectura apenas são edificios muito grandes. Ornã-os, porem, de tal modo que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de rasos (2), de damascos, e de finissimos rases no inverno, e no verão de couros dourados mui ricos, que se fabricam naquella cidade.

As ruas, bem que largas, são muito incommodas, por subidas e descidas contínuas a que obriga a desigualdade do terreno ..... Por isso usam os moradores andar a cavallo, do que procede verem-se naquella cidade bellissimos ginetes, que os portuguezes compram por todo o dinheiro, attendendo á grande estimaçã em que os teem. Não usam de coches, e quatro ou seis que ahi havia eram de castelhanos que seguiam a côrte. Quanto as ruas em geral são más e incómodas para andar assim a pé como em coche, tanto é facil, deleitosa, e bella a Rua-nova pelo seu comprimento e largueza, mas sobre tudo por ser ornada de uma infinidade de lojas, cheias de diversas mercadorias para o uso de nobre e real povoação. — Entre ellas ha quatro ou seis que vendem objectos trazidos da India, como porcellanas finissimas de varios feitios, conchas,

(1) Vid. a pag. 211 e 346 do Vol. 1.º, presente Serie.

(2) *Raso*, pannos de lan sem felpa.

cócos lavrados de diversos modos, caixinhas guardadas de madreperola, e outras obras semelhantes, que d'antes se compravam por moderado preço, mas que ultimamente eram caríssimas por tres respeitos: o da peste que havia assolado a cidade; o do sacco dado pelos castelhanos quando entraram em Lisboa, bem que elrei houvesse ordenado ao duque d'Alva tal não consentisse aos soldados; e ultimamente pela razão de não terem vindo armadas da India durante dois annos. Na mesma Rua-nova ha muitas lojas de livros, com infinito numero delles em portuguez, castelhano, latim e italiano. Todos são mui caros; e por isso os estudantes, por serem pobres, costumam mais *aluga-los* [como ahi dizem] a tanto por dia, do que compra-los. Não deve esquecer aqui, que na praça chamada do Pelourinho velho estão de contínuo assentados muitos homens com mesas ante si (3), os quaes se podem chamar notarios ou copistas sem caracter de officiaes publicos, e que neste exercicio ganham a sua subsistencia. Sabida que é a idéa de qualquer freguez que se chega a elles, immediatamente redigem o que se pertende, de modo que ora compoem cartas d'amores, de que se faz grande gasto, ora elogios, orações, versos, sermões, epicedios, requerimentos, ou outro qualquer papel, em estylo chão ou pomposo. Junto da Rua-nova ha muitas outras ruas, cada uma das quaes tem suas lojas de uma só especie de mercadorias. Na dos ourives do ouro havia muitas mal abastecidas de pedras preciosas, de perolas, d'ambar, e d'almiscar, em consequencia da tardança da frota. A prata em Lisboa é lavrada com delicadeza e variedade, por ser costume, assim entre nobres como entre plebeus, usarem de pratos e bacias de prata. Ha igualmente ahi lojas cheias de doces e frutas seccas, e cobertas, primorosamente preparadas, de que se faz grande trafico, mandando-as para diversas partes do mundo. Vende-se tambem, em uma unica rua, grande quantidade de télas de toda a sorte, portuguezas, flamengas e italianas: das primeiras são na verdade bellas algumas que chamam *casiquino* [?] mui finas e alvas, e alguns lenços á mourisca, que são baratos e lindos. N'outra parte, em certa viella, trabalham delicadamente ao torno, em que fazem guarda-soes de barba de baleia, obra acabada, e cócos lavrados a modo de taças, com embutidos de madeira do Brasil. Vasos de estanho, e mais objectos deste metal se fabricam abundantemente n'outra rua, e se carregam para a India, onde dão grande lucro.

O commercio da praça de Lisboa é muito consideravel pela correspondencia que tem ordinariamente com todas as outras da Europa e do Novo-Mundo, de modo que as permutações são importantissimas, e os negociantes possuem grossos cabedades; porque só nas especiarias e drogas, que vem a Lisboa, depois que expirou pelos annos de 1504 o commercio da Syria, e d'Alexandria, ganham rios de dinheiro, que perdem os nossos venezianos, pois eram elles quem fazendo trazer estas preciosas mercadorias pelo Mar-rôxo a Beyruth e a Alexandria, d'alli as transportavam a Veneza nas gallés d'alto bordo. Bem como costumam partir de Sevilha todos os annos armadas para irem ás Indias occidentaes pertencentes á corôa de Castella, assim costumava

(3) Desta velha usança de Lisboa faz já menção D. de Goes na descripção de Lisboa, escripta em latim na primeira metade da seculo 16.<sup>o</sup> — de que algum dia daremos os extractos mais curiosos.

elrei D. Sebastião mandar ordinariamente uma frota de Lisboa ás Indias orientaes. No anno em que este rei morreu, partiu no mez de março para Malaca, segundo me contaram, uma náu de 1:400 toneladas, e um mez depois mais cinco do mesmo porte para Gôa. Era este o numero de vasos que ia annualmente, e aquella a monção da partida. Essas náus levavam carga d'elrei e dos particulares. Por conta destes ia vinho, azeite, pannos finos de varias côres, d'Inglaterra, Flandres e Castella, barretes finos e ordinarios de Toledo, escarlatas de Veneza e de Valencia, rasos de Florença, sarjas de lan de Flandres, marlotas de Constantinopola, acolchados e calças de seda de Napoles, velludos de Genova, damascos de Lucca, taffetás e calças de seda de Toledo, sarjas de seda e luvas de Valencia. Por conta d'elrei carregavam-se corâes em bruto e lapidados, azougue, cinabrio, arame, espeelhos e diversos vidros de Veneza, mercadorias que ninguem podia enviar sem expressa licença delle. O que, porem, principalmente se exportava era uma grandissima porção de prata em reales castelhanos, negocio em que se ganhavam 30 por cento; e affirmaram-me que os contractadores das especiarias, e varios outros negociantes mandaram nas cinco ultimas náus para Gôa um milhão e trezentos mil ducados. Este tracto havia crescido a tal ponto que era de maior lucro a ida que a volta .....

A carga para Lisboa consistia principalmente em pimenta a granel, que devia subir, por contracto, pelo menos a trinta mil quintaes, e que se dividia, metade para elrei, que não entrava neste negocio com somma alguma, e a outra metade para os contractadores que tinham o exclusivo da pimenta: o quinhão de elrei compravam-na ordinariamente os mesmos contractadores a 32 ducados o quintal. Aos particulares era licito mercadejar em qualquer outra especia pagando os direitos .....

Do reino de Soffala vinham todos os annos a Lisboa 170 barras d'ouro, e uma barra vale para cima de 300 ducados: tambem de Soffala e de toda a Guiné vinha grande quantidade de marfim ....., Traziam-se igualmente a Lisboa sedas da China, pannos finissimos e ordinarios de algodão do Brasil, bellos tapetes da Persia, ébano, aguila, páu brasil, dices e louça transparente de porcellana, borax, camphora, laca, aloes-hepatico, tamarindos, cêra, almiscar, ambar, algalia, beijoim, perolas, rubins, diamantes e mais pedras preciosas em abundancia, e outras varias mercadorias que iam do Egypto para Alexandria, as quaes, todavia, não eram a *millesima parte* das que vinham a Lisboa nas sobreditas frotas .....

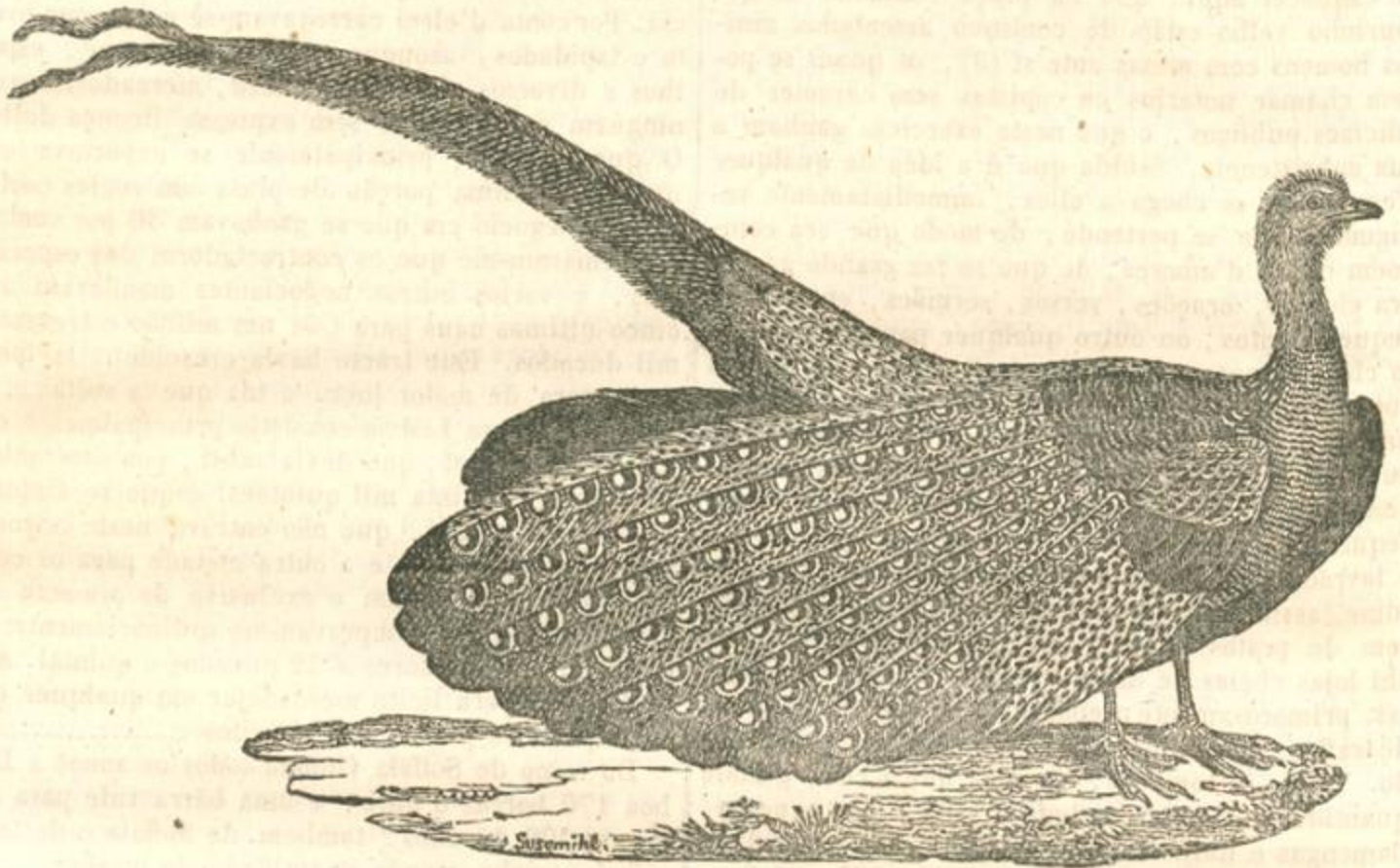
Os homens da cidade de Lisboa e de todo o Portugal são de mediana estatura, mais baixos que altos, magros, de côr ferrenha, cabellos e barba pretos, olhos negrissimos, e mui semelhantes no exterior aos gregos. O seu traje, antes da morte do cardinal rei, era mui mesquinho, em consequencia da pragmatica, que não consentia usassem vestidos de seda; pelo que trajavam um saio de baêta preta, calções de panno escocez, borzeguins de marroquim, chapéu de feltro e capa comprida da mesma baêta. Com a chegada d'elrei catholico alteraram o seu antigo traje, porque, posto que conservaram a capa de baêta, começaram a usar do gibão de raso, bragas e calções de velludo e meias de seda, couza que nunca tinham calçado, bem como escaupins, dos quaes não era possivel achar um só par antes da entrada d'elrei, porque todos, sem excepção,

calçavam horzeguins. São os portuguezes mais ambiciosos de louvores que outra qualquer nação do mundo, affirmando que as suas façanhas são milagrosas. Celebram Lisboa com tal copia de palavras, que a fazem igual ás principaes cidades do mundo, e por isso costumam dizer: — Quem não vê Lisboa, não vê cousa boa. = A gente miuda gosta que lhe deem o tratamento de *senhor*, manha esta commum a toda a Hespanha. Vivem parcamente, porque a plebe pela maior parte é pobre, e os cavalleiros que se teem em conta de ricos fundam a opinião da sua riqueza em possuirem uma ou duas aldeas, com trinta ou quarenta visinhos cada uma, no meio de campinas estereis com vinte ou trinta folhas culti-

vadas, e tudo o mais inculto, aspero, e coberto de pedras, com alguns cazebres mesquinhos, e mal concertados, como eu o experimentei durante muitas semanas daquella viagem.

Poucas pessoas se dão abi ás lettras; mas applicam-se muitos ao commercio, genero de vida aborrecida dos nobres, que nem podem ouvir fallar em tal, tendo pôr gente villissima os mercadores. Exercitam-se aparentemente nas armas, e algum tanto em cavalgar, contentando-se com ter leves principios destas duas profissões, sem quererem supportar mui diuturno ensino.

(Continuar-se-ha).  
(A. Herculano).



O PHAISÃO ARGOS OU DE JUNO.

DE PHAISIS, na Asia menor, foi transportado á Europa, em tempo do poderio romano, o faisão commum, reduzido ao captiveiro da domesticidade, e criado para satisfação da vista, e fausto dos banquetes, em moradas d'opulentos. No matiz elegante, no mimoso e fulgente das pennas, ha poucas aves que o excedam: com certeza se affirma que traja vistosa plumagem, a um tempo rica e linda, e disposta com symmetria admiravel. — Sobre tudo na Asia ha singulares e bellissimas especies de faisões: es chins promovem com desvelo a multiplicação dos que chamam dourados, e dos prateados, em razão dos reflexos metallicos das pennas: — a mais saliente desta familia é a que os naturalistas appellidaram faisão de Juno, ou de placas coloridas nas azas; habita algumas regiões meridionaes da Asia, mas particularmente a Samatra; corresponde em tamanho ao corpo do pavão, tem a cabeça e pescoço quasi despidos de pennas, e as do centro da cauda medem de quatro a cinco palmos de comprimento, de côr castanho-escuro com pintas brancas cercadas de aneis d'um negro brilhante; a côr geral é parda com linhas arruivadas, e na parte inferior do corpo parda com mistura de ruivo; as guias secundarias das azas, tres ou quatro vezes

mais desenvolvidas que as primeiras, são do meio para as pontas adornadas de *olhos*, ou placas, espaçados regularmente; e as da parte inferior agradavelmente malhadas de salpicos pretos sobre fundo roxo claro e pintas brancas nos extremos; tem os pés de mui vivo encarnado. É ave montesinha, procura solidões, e raro baixa ás planicies, foge ás residencias dos homens, e quando apanhada, insoffrida da prisão, morre em pouco tempo com saudades da liberdade das selvas e montes reconditos em que nascêra. — Pozeram-lhe tambem o nome de argos e de ave de Juno, alludindo ao conto mythologico do pastor de multiplices olhos, que a esposa ciumenta de Jupiter déra por guarda á sua rival, a misera Io methamorphoseada em vacca: isto em razão da grande quantidade de placas, como os olhos da cauda do pavão, que aformoseam as azas daquella especie. —

— Na excellente e bem tratada quinta da Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, a Bemfica, vimos poucos annos ha faisões mui bonitos, da especie da Asia-Menor.

A SOBEREA não perdôa, a humildade não se vingá.

## EPITOME DA VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

(Conclusão.)

A FATAL NOVA da perda do monarcha em Africa, com a qual a patria se abismava:—outra perda individual que o nosso grande poeta quasi ao mesmo tempo experimentára, privando-o a parca do seu fiel e exemplar jaó, sem ter quem o tratasse no seu leito de dôr, foram causas sobejas para abbreviar os dias do Vate portuguez: trasladaram-no ao hospital onde se curavam então os pobres, e poucos dias depois alli falleceu no anno de 1579, em tal esquecimento, que até se ignora o mez e dia em que findou sua amargurada vida!

Assim acabou este grande homem cuja vida foi um tecido de desventuras, e é de per si a mais amarga censura de quantas se possam fazer aos portuguezes seus coevos! Pobre, ignorado, cheio de miseria, morreu em um hospital de pobreza, o immortal Luiz de Camões, sem ter um lençol sequer para mortalha, como nos diz o carmelita Frey Joseph Indio, em uma nota, que de seu proprio punho escreveu no precioso manuscripto que conservava lord Holland, e hoje tem seu filho herdeiro do titulo. Da casa de Vimioso foi mandado o lençol em que o amortalharam, e com que o sepultaram na igreja de St.<sup>a</sup> Anna, logo á entrada da porta, e do lado esquerdo, sem que lhe pozessem campa, letreiro, ou signal que distinguisse a sepultura, que encerrou seus despojos mortaes.

Passados dezeseis annos, D. Gonçalo Coutinho lhe mandou cubrir o logar da sepultura, que com muito trabalho pôde achar-se, com uma pedra razeza, na qual tinha mandado esculpir o seguinte epitafio:

Aqui jaz Luiz de Camões  
Principe

Dos poetas do seu tempo:  
Viveu pobre e miseravelmente;  
E assi morreu.

Anno de M. D. LXXIX.

Esta campa lhe mandou pôr Dom Gonçalo  
Coutinho na qual se não enterrará  
pessoa alguma.

Eis o unico monumento que existia em Portugal, consagrado á memoria do nosso grande poeta; dizemos que existia, porque hoje nem vestigios d'elle se depáram na igreja de St.<sup>a</sup> Anna, a qual havendo sido reedificada, por occasião do terremoto de 1755, a ninguem lembrou a sepultura de Camões, apezar da campa que a memorava. Não nos resta pois de Luiz de Camões outro monumento nacional além das suas obras, sobejas para o eternizar, e que mais duradouro será sem duvida do que qualquer outro, que a vaidade dos homens como tardio feudo de admiração lhe alevantaria.

Conservaram-nos ao menos os seus contemporaneos o seu retrato, e sobre esse foi copiado o que mui elegantemente adorna a rica edição dos Lusíadas publicadas em Paris pelo já por nós mencionado morgado de Matheus, litterato distincto, que á memoria de tão preclaro compatriota pagou tão nobre quão digno tributo.

Luiz de Camões, segundo diz S. de Faria, era de meia estatura, cheio de rosto, algum tanto carregado da frente; nariz comprido, levantado no meio e grosso na extremidade; cabello louro quasi açafroado; gentil e engraçado na apparencia, quan-

do era moço, e antes de perder o olho direito. Era no trato agradável e alegre, até o tempo em que a adversidade pezando sobre elle o fez na ultima idade melancolico. A ternura, e sensibilidade do seu coração vêem-se nos seus versos, e na paixão delicada que o peito lhe ralára, e que conservou constante por D. Catharina de Ataíde. O amor da sua patria predominava sobre todos os outros sentimentos: o seu valor, desinteresse, nobreza e heroicidade, eram iguaes a quantos os tempos da cavallaria podem offerecer-nos. Mas a sua constancia e fortaleza na extrema adversidade, sem que se possa mostrar d'elle uma expressão de adulação ou de baixaza, nem que se repita uma só de fraqueza arrancada pelos padecimentos, o farão sempre distinguir entre os homens maiores de todos os tempos, por esta virtude tão rara, e que só pertence a um caracter eminentemente superior ás distincções, como ás desventuras.

A antonomasia de *Grande* que a posteridade portugueza lhe outorgou, e que sómente se tem dado a alguns soberanos distinctos, parecerá sem duvida estranha ás pessoas pouco versadas em nossas cousas, e ignaras do apreço que fazemos deste principe da poesia nacional; todavia essa tal ou qual estranheza cessará, se o cidadão cosmopolita considerar que o sobrenome de *Grande* cabe a Luiz de Camões, não só por seu merito relevante, mas tambem como compensação das injustiças que soffreu ás mãos de seus contemporaneos.

Não nos pertence, a nós meros compiladores do epitome da sua vida, entrar no resumo analytico das bellezas do seu poema, nem tão pouco temos a estulta vaidade de nos julgarmos competentes para semelhante empreza; mas ser-nos-ha licito antes de concluirmos esta tarefa dizer que para avaliar por seu justo valor o merito da obra, cumpre que Camões, bem á semelhança do poeta que foi o pai da poesia grega, seja visto e julgado segundo o espirito da nação a que pertence, e o seculo em que viveu. Camões foi para os portuguezes o mesmo que Homero fóra para os gregos, o primeiro e ao mesmo tempo o mais nacional dos seus poetas: nenhum outro apoz d'elle soube combinar os interesses nacionaes do seu paiz com a vastidão do espirito poetico que se encontra nos Lusíadas. Para julgar da sua obra devemos recordar-nos que Camões escreveu em uma epocha em que o estilo correcto, formado sobre os antigos e modernos auctores italianos, acabava de apparecer na litteratura portugueza, e ainda não se havia arraigado. Sob circumstancias taes, Camões esboçando o plano da sua epopea, ficou como segregado do seculo em que viveu: foi original no estilo que adoptou. Camões foi o primeiro poeta moderno que conseguiu merecer geral acceitação, compondo um poema heroico, soberbo pelo estilo. E nem esqueça que a primeira edição do seu poema appareceu em 1572, em quanto a Jerusalem do Tasso foi publicada em 1580, um anno depois da morte de Camões. Outros modelos não tinha em que aprendesse, se exceptuarmos Trissino, Bojardo, e Ariosto. Do primeiro pouco podia colher, e ainda que do segundo e terceiro pudesse aprender muito, nada por certo com relação a fogo poetico e estilo proprio de um poema heroico nacional.

Camões foi original em toda a sua composição: cheio de patriotismo e de heroismo, o seu poema respira uma nacionalidade que não pôde ser excedida. Camões, bem como o Ariosto, é completamente

o homem do seu seculo e do seu paiz; como um dos primeiros poetas foi elle julgado pelos sabios seus coevos; que indifferente não é o julgado do immortal Tasso. A posteridade lhe tem feito não menor justiça, e posto alguns zoilos hajam com desdouro proprio procurado menoscabar o merito relevante do Vate que tanto renome deu á sua patria, sobram milhares de homens de letras de todas as nações, que a sua memoria tem vingado da injuriosa e não merecida critica. Falta sómente que a nação portugueza pague o feudo expiatorio de gratidão que os nossos antepassados do seculo 16.º lhe denegaram, erigindo á memoria do immortal cantor de nossos feitos sublimados condigno monumento, que atteste aos vindouros o apreço, que os portuguezes fazem do principe dos seus poetas, o GRANDE, LUIZ DE CAMÕES.

P. M.

## PORTUGAL.

### XXIV.

COMO A VILLA DE SANTAREM HOUVE VÁRIOS NOMES.

(Conclusão.)

Foi pelos fins do setimo seculo da era vulgar que um successo maravilhoso e de grande assombro deu o nome de Santarem a esta nossa villa. Força-nos a estreiteza d'um artigo, que já foi crescido, a calarmos tantos feitos gloriosos, tantas e tão grandes recordações, que neste só nome se cifram como em famoso compendio da historia portugueza: diremos sómente o donde elle veio; em que de muitos seja sabido. Vivia por aquelles sitios, aonde hoje é a villa de Thomar, um cavalleiro mui illustre chamado Ermigio, casado com uma nobre dama por nome Eugenia: eram senhores de grande estado e de muitas terras, e segundo as leis da nobreza daquelles tempos apontados como os maiores valedores daquelles contornos: quiz o céu coroar-lhes tanta dita, de que gosavam em mutuo amor, dando-lhes della o mais abençoado e querido fructo, uma filha mui formosa.—Irene foi o nome que lhe elles deram com o baptismo. Cresceu a menina, e se avantajou tanto em virtudes, e em belleza, que em outra cousa não se fallava com maiores gabos e louvores. Era donzella formosa, nobre, e rica; certo estava que seria sua mão disputada por importunos pertendentes: mas a outro estado a chamavam seu espirito e sua inclinação; votára já no seu coração a Deus a pureza de sua alma, sua virgindade.—Não seria sem muitas lagrimas que seus pais consentiram em que se ella fosse na companhia de suas tias, que eram religiosas de grande fama de santidade, para com mestras tão provadas se instituir em todas as perfeições. Lá se vai Irene fugindo ao mundo, e dando costas ás suas grandezas, e a esses todos encantos, com que tantas almas se enredam e se captivam, encerrar-se em um pobre mosteiro junto ao rio Nabão. Por esse retiro, por essa pobreza, pela estreiteza d'essa pobre cella trocára ella de bom grado muitos mundos, se os houvesse; por um só dia de prática com as santas monjas; por um serão de hymnos celestes entre as virgens que a rodeam; por uma só hora de enleio nas contemplações divinas; por um só momento da oração matutina, com que seus labios mais puros que o ar da madrugada louvam o Creador; por esse só

momento déra ella seculos de vida muito regalada. Foge ella o mundo, quanto o mundo e suas maiores grandezas a perseguem: vai traz ella a fama de sua belleza e de suas estremadas virtudes.—Britaldo se enamora desta donzella tão apaixonadamente, que já é certo o morrer d'amores, ou do nojo que leva em não ser correspondido; era mancebo poderoso, e ajudado do grande valimento dos seus, a quem era grandissimo cuidado o vê-lo assim acabar e finar-se de magua; tudo move, tenta todos os meios, e só consegue desenganos. Tambem o desengano é ás vezes remedio: com elle não guarecia de todo o mancebo; mas não crescia o mal: e nessas treguas folgava o coração de Irene como livre d'importunos requerimentos: porem essa alma pura era destinada a grandes combates.—A corôa de virgem tinha de ser laureada com o sangue do martyrio. Remigio, monge-sacerdote, seu proprio confessor ... é o terrivel instrumento que o inferno escolhe ... baldadas vê o monstro suas diabolicas astucias: já não ha traças que imaginar, nem ciladas que encobrir; só em vingar-se põe agora todo o seu cuidado. Vingança, e vingança do inferno! a infamia antes da morte! Não é veneno, que possa logo mata-la, que elle confeiçoa; mais terrivel é ainda o effeito d'essa droga infernal! A virgem a toma no pão e na agua do jejum; e logo anciedade mortal lhe aperta o innocente coração; o casto rubor, que embellezava suas faces, agora é pallidez do sepulchro; incham-lhe as entranhas, e estala o cilicio, que já não póde abarcar-lhe a cintura ... Folga o monstro com o effeito; espalha as mais negras blasfemias contra a donzella; firma-se nas apparencias, e accende o odio e a vingança no animo sentido de Britaldo. Compram-se algozes, e a innocente e casta virgem soffre o martyrio, e seu corpo é lançado ao rio e levado pelas correntes até defronte da villa Scalabis: misterioso sepulchro o encerra. Correm de toda a parte a admira-lo os povos aonde chega a noticia do portento: na grandeza da obra, na admiração do lavor, na immobilidade da pedra, que resiste a todas as forças humanas, na incorrupção do corpo, nos prodigios, nas maravilhas, em tudo se reconhece a obra de Deus: Irene é proclamada santa, virgem e martyr, e invocada a sua protecção com grande fructo. Lá se vão já caminho de Roma o louco amante, e os destemidos algozes chorando em penitente romaria, e confessando por esse mundo suas culpas e seu crime. O Téjo recobre com suas aguas o sagrado deposito que recebêra das mãos dos anjos; e a villa de Scalabis toma o nome de Santa Irene, e o conserva quasi inteiro vai já por doze seculos como illustre epitaphio da santa virgem e martyr Irene.

—\*—

## VIAGENS.

*O imperador Nicolau: a musica e theatros de Moscov.*

Faz dois annos que um observador, que percorreu o norte da Europa, consignou á imprensa os seus curiosos apontamentos. Tendo a fortuna de ser hospedado, na antiga capital russiana, sob o tecto do autocrata, conta algumas anedotas da córte; quando alli reside; entre ellas achâmos notaveis as que em seguida extrahimos.

—A mesa do imperador é preparada com delicadeza e gosto, sobresahindo mais em elegancia

que em profusão ... O cosinheiro é francez. A sobriedade do czar é excessiva, porque não só se limita a pouco, quando está repousado, mas também indo de jornada basta-lhe para alimento diario uma aza de frangão e uma parva de pão. Os almoços são ministrados nos quartos destinados a cada pessoa: todas as manhãs vinha um creado saber se eu tinha alguém que me fizesse companhia, e segundo a resposta trazia o almoço.

As camaras, para assim dizer, tem só tres paredes, porquanto a outra, onde fenece o forro ou armação, é quasi toda tomada por uma poêle (1) immensa de louça, que só uma vez ao dia é fornecida de combustível e que mantém perenne uma temperatura mui quente: a sensação do frio é tão desconhecida, tão impossivel n'um quarto dest'arte aquecido, que se escusam na cama cobertores; posto que eu a não sentisse, parecia-me mal achar-me no mez de novembro apenas com um lençol em cima da pelle: cubri-me uma vez com o capote; e o creado, que tinham nomeado para me servir, perguntou-me se tinha frio, respondi-lhe que fazia isto por costume antigo. «Está bem, requererei para o senhor um cobertor de laã»: e no dia seguinte o intendente ou mordomo, depois de ter dado busca a toda a guarda-roupa do palacio, veio pessoalmente annunciar-me que, sendo caso imprevisito, não havendo quem se tivesse queixado de frio, não fôra possivel achar uma coberta de laã em toda aquella residencia de sua magestade imperial; offerecia-se-me para comprar cobertor, recusei como é bem de crêr.

O palacio em que mora o czar no Kremlin não é o que costumava habitar seu irmão Alexandre; que delle se não removeu nem um movel, respeitando o successor a que fôra escolhida pousada do defunto. — O imperador reinante costuma alojar-se no palacio archiepiscopal, que por ser benzido quando residencia do prelado conservou a condição de logar sagrado.

Certo dia, o czar Nicoláu ouviu fallar de umas cantarinas ambulantes, a que chamam *zinganas* (2), que os senhores moscovitas convidam para diversão de suas serenatas; quiz também ouvi-las, e deslembrando-se de que essa gente mesquinha era *excommungada* pelo clero grego-russo, mandou que entrassem no palacio *bento*: alegre foi o serão com as cantorias das recém-chegadas, e sua magestade pagou-lhes generosamente. Tudo se passou ás mil maravilhas, mas no dia immediato appresentou-se o governador de Moscow no gabinete do imperador. — Que novidade ha lá por fóra, principe Gallitzin? ... — «O que ha de novo, senhor, é o immenso escandalo que traz amotinada toda a nossa clerezia.» — «E então que succedeu? ...» — «Uma profanação... as zinganas malditas, excommungadas, foram admittidas a um logar santificado; e o arcebispo está furioso.» — «E quem se atreveu a profanar a igreja? ...» — «Não foi a igreja, senhor, foi o palacio do arcebispo, igualmente bento, que ellas com sua presença mancharam; e o culpado é vossa magestade.» — «Capacito-me que tens razão; nem pela ideia me passou que estava em terra santa. E o arcebispo está fóra de accôrdo? ...» — «Será contenda difficil de accomodar.» — «Que terei de fazer para reparar o meu descuido? ... Dar-se-ha caso que o arcebispo por esta occasião nada exi-

ja? ...» — «Creio que sollicita o aformoseamento d'uma igreja, accrescentar-se-lhe uma capella, ou cousa deste jaez; não sei bem o que ...» — Pois, depressa, venham os riscos: enfeite-se a igreja, faça-se a capella, e o mais que pede o prelado, com tanto que se esqueça das raparigas excommungadas. Para a outra vez irei ouvi-las fóra de minha casa... que na verdade ellas cantam bem!»

Mas não se julgue que esta musica semi-bravia, postoque pela novidade agradavel, é o unico divertimento deste genero que desfructam os habitantes de Moscow: a cidade tem dois theatros; o primeiro, o maior em capacidade que ha na Europa, sem exceptuar S. Carlos de Napoles, reproduz em traducções russianas os dramas principaes da scena franceza: ahí tem tido representações — *Roberto do Diabo*, e com decorações esplendidas, vestuario rico, mas cantores detestaveis. O imperador não tinha noticia desta opera, e apesar da mediocridade do desempenho della, conheceu-lhe logo o merito, e por consequencia pediu a partitura, e applicou-se a estudar o bello trio do ultimo acto, que lhe fizera grande impressão.

Para que se ajuize do quanto o imperador Nicoláu preza as artes agradaveis, em que é bom entendedor, relataremos outra anecdota, que teve logar na côrte de S. Petersburgo, e que ao mesmo tempo indica os singulares usos daquelle paiz.

Sahiu n'um dia o czar, acompanhado de seu irmão, o grão duque Miguel, e sem guarda d'honra, como é seu costume, a gosar a perspectiva grandiosa de Niewsky: pelo passeio á esquerda seguia placidamente seu caminho Vernet, actor francez, que tinha representado excellentemente na vespera em um drama novo. O czar parou e chamou-o pelo nome proprio: — Senhor! — respondeu o actor. — «Quero cumprimentar-vos pelo optimo desempenho d'hontem. — O voto de vossa magestade é para mim de grandissimo apreço.» — «Desejarei tornar a ver-vos desempenhar a mesma parte: fiquei summamente satisfeito, e ao encontrar-vos não pude resistir ao prazer de manifestar a minha approvação. — O imperador proseguiu seu passeio, e Vernet permaneceu alguns minutos parado, regozijando-se do elogio, que recebêra; e antes que sabisse do extase, uma transição subita lhe recordou a vicissitude das cousas humanas, sentiu que pela gola da casaca o seguravam, e era a mão pesada de um commissario de policia — «Alto aqui!» — Que é o que me quereis? — Estais preso... é prohibido chegar ao pé da pessoa do nosso imperador quando elle anda a passeio.» — «Mas sua magestade é que veio ter comigo...» — Boa historia é essa! Estes meus amigos francezes medem tudo pela mesma bitola, e crêem que podem fazer quanto lhe vem á cabeça... Tratar de seguir-me, e nada de resistencia.» — E Vernet foi levado á força para a casa da guarda, onde o retiveram vinte e quatro horas, não obstante as suas instantes reclamações. — Dahi a poucos dias o actor repetiu na scena o mesmo papel, e o imperador applaudiu-o bondosamente. Findo o spectaculo, sahio do camarote o czar, e ao entrar nos corredores viu um homem cozido com a parede, e que evidentemente esperava que elle passasse; sois vós, Vernet? nova prova destes do vosso talento.» — Agradeço a vossa magestade tanta indulgencia, mas rogo que por sua nimia bondade a não manifeste em qualquer occasião que me possa encontrar.» — Porque dizeis isso? — Porque o benevolo acolhimento de vossa magestade, ha bem

(1) Falta-nos o equivalente deste termo, porque falta o traste, que é mui diverso do que chamamos fogão.

(2) Provavelmente *ciganas*, do italiano *zingare*.

poucos dias, rendeu-me vinte e quatro horas de reclusão á ordem de um commissario de policia, que se julga com direito de impedir que alguém falle ao seu imperador. — É possível que assim seja? . . . Isso é demais . . . saberei como isso foi . . . » — No dia seguinte, ainda Vernet estava meio vestido, já vinha visita-lo o commissario de policia agarrador, supplicando-lhe com todas as véras que lhe desculpasse o engano, porque se achava suspenso do cargo em quanto não obtivesse perdão da parte offendida. Vernet absolveu o homem, por escripto, como é de suppor.

### NOVOS INVENTOS.

#### SUBSTITUIÇÃO ÁS RODAS DOS BARCOS A VAPOR PELO CILINDRO.

O MINISTRO da marinha em França encarregou ainda ha pouco o conde d'Oysonville e Mr. Meinerel, engenheiros constructores, d'examinar as vantagens da substituição dos cilindros [hèlice] ás rodas lateraes. Com effeito todos os homens d'arte são uniformes em reconhecer os graves inconvenientes destas machinas, que requerem uma certa dimensão nos vasos, fundo chato, e por isso mesmo pouco proprias para vela, e exigindo inutilmente uma força maior para vencer a resistencia da agua que ellas mesmas elevam. Os cilindros pelo contrario colocados na culatra [no fundo da pópa] do navio não levantam a agua, antes a atacam e afastam obliquamente. Alem disto permitem calafetar e crenar a embarcação, e prepara-la em fim de modo que sustente a vela e se firme sobre o mar: o choque é muito menos consideravel, o balanço mais brando, e o gasto do combustivel menor.

Os inglezes construíram logo um destes barcos em Dover, da força de 80 cavallos, ao qual chamaram Archimedes. O cilindro foi ideado e construído por um francez, Mr. Sauvage, antigo constructor de navios. A velocidade desta embarcação, que anda de Dover para Calais, é maior que a de todos os outros barcos a vapor que ahi navegam com rodas, não obstante que a força motriz d'aquella seja menos consideravel.

Os americanos inglezes usam tambem já desta nova construcção; e se as experiencias repetidas confirmarem as esperanças de sua preferencia, é fóra de duvida que os barcos com o cilindro serão exclusivamente encarregados das navegações trans-atlanticas, nas quaes a economia do combustivel é condição essencial.

### AGRICULTURA.

#### DA NATUREZA DOS TERRENOS.

CADA terreno tem suas propriedades naturaes, mais ou menos aptas para as differentes especies de cultura, e para certos e determinados vegetaes: invertida esta ordem a colheita será ou nenhuma, ou fraca, ou nimiamente dispendiosa: o correctivo deste absurdo está no perfeito conhecimento das terras. Os naturalistas e geologos contam quatro especies de terras primitivas:

- 1.<sup>a</sup> Sillex, ou terra arenosa.
- 2.<sup>a</sup> Cal, ou terra calcarea.
- 3.<sup>a</sup> Argila, ou terra gredosa.
- 4.<sup>a</sup> Magnesia, ou terra talcosa.

Mas os solos puros raramente existem na natureza: sua mistura, em proporções variadas, é que fórma os solos ou terrenos compostos, cuja denominação resulta da parte ou ingrediente predominante.

Esta denominação mesmo não é fixa e homogénea; cada provincia lhe dá o nome usado e conhecido praticamente dos cultivadores, os quaes mais ordinariamente distinguem os terrenos por sua propriedade mais ou menos productiva, mais ou menos apparente: assim dizem *terras fortes*, *terras fracas*, *terras humidas*, *terras sêccas*, &c.

A divisão, porem, que nos parece mais clara, e adaptada á sua composição primitiva é a seguinte.

- 1.<sup>o</sup> Terreno *gredoso*, mais ou menos firme e lodoso.
- 2.<sup>o</sup> Terreno *calcarea*, composto d'arêas e saibro.
- 3.<sup>o</sup> Terreno *barrento*, de barro gredoso, barro calcarea, arenoso, saibroso, e ferrenho.
- 4.<sup>o</sup> Terreno *palustre*, mais ou menos turfáceo.
- 5.<sup>o</sup> Terreno *d'arneiro* ou charneca.

A natureza das terras já hoje é conhecida exacta e scientificamente por meio da analyse chimica, que decompondo-as aprecia e determina suas partes constitutivas. Porem o modo mais facil para os cultivadores em geral é observar as plantas que ahi nascem e crescem espontaneamente. Se estas prosperam, se florecem e chegam a um estado forte e viçoso, conhece-se por ahi que é terreno proprio e adaptado para os vegetaes do mesmo genero. Sigamos porem a classificação commum e vulgar para sermos entendidos de todos.

*Terras fortes* chamam-se aquellas que são grossas, substanciaes e unctuosas, que se podem amassar entre os dedos: destas as pardas-escuras são as melhores. Differem estas das terras chamadas *grossas*, que participam mais da natureza d'argila ou terra barrenta, e da terra *gredosa* que serve somente para fazer louça. No numero das terras fortes se podem comprehender algumas *pedregosas* que são bastante ferteis, e destas algumas todas negras que são difficeis d'amanhar.

*Terra ligeira* ou fraca é aquella cujos torrões não fazem corpo nem adherencia; é toda desunida: destas as negras são melhores que as outras.

*Terra humida*, é ordinariamente boa em si mesma, porem a agua demasiada a prejudica, e por tanto não é productiva sem que primeiro seja sangrada por meio de valas ou sargetas.

*Terras areentas* e sêccas são de duas especies, uma esbranquiçada que só serve para bosque, outra amarelada ou parda, que póde produzir.

Os defeitos geraes que teem as terras são ou teem demasiada humidade, que as faz pesadas e frias, ou muita seccura que as torna ligeiras, pulverulentas, e por isso ardentes. Estes defeitos se devem emendar com os meios contrarios: estes meios são os estrumes e a *caldeação* ou mistura de terras que tornem suas propriedades mais em harmonia com a fertilidade. Isto a que chamámos caldeação é o que os francezes denominam *amendment*. Neste artigo não nos propomos tratar dos estrumes em geral, que isso fica reservado para outro lugar; aqui só os apontámos como um dos correctivos dos máus terrenos. Assim que, para corrigir as terras sêccas e quentes são preferiveis os estrumes que as refrescam, quaes são os dos bois, dos porcos, as lamas e lodos gordurentos; para os terrenos humidos os estrumes quentes e ligeiros como são os de gado cabrum e ovelhum, os de pombos, bestas cavallares, e os marnes.

(Continúa.)

J. da C. N. C.